



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ALFABETIZAÇÃO**

**IVONETE DA ENCARNAÇÃO**

**SALVADOR**

**2021**

# **IVONETE DA ENCARNAÇÃO**

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação, Campus I (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como parte do requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemary Lapa de Oliveira.

**SALVADOR**

**2021**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

E56c

Encarnação, Ivonete da

A contação de história na alfabetização / Ivonete da Encarnação. -  
Salvador, 2021.

39 fls.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemary Lapa de Oliveira.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Educação. Campus I. 2021.

1.Alfabetização . 2.Leitor - formação . 3.Leitura - ensino e  
aprendizagem.

CDD: 372

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste curso tem um significado muito importante na minha vida, e como não conquistamos nada sozinhos, tenho muito a agradecer, acima de tudo, a Deus por ter me dado forças para vencer os obstáculos e ter conseguido chegar até aqui, por ter superado as diversas dificuldades com as quais me deparei no cotidiano da vida.

Especialmente, agradeço a minha orientadora professora Dr.<sup>a</sup> Rosemary Lapa de Oliveira pelo profissionalismo, paciência e delicadeza com que fui tratada por todo o período de realização desse trabalho.

A minha querida mãe, Clementina, que sempre esteve ao meu lado, verdadeiramente, com suas palavras e atenção, me erguendo quando fraquejava, pois sempre acreditou em mim. Agradeço também, a minha irmã, Janete, por todo apoio, confiança e incentivo.

A todos os docentes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, que compartilharam seus conhecimentos, colegas e demais pessoas que das mais diversas formas me auxiliaram.

## RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de experiências vivenciadas no estágio não curricular do Projeto Gestão de Política da Alfabetização (PGPA) em uma escola da rede municipal de Salvador no ano de 2018, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental I. Com este estudo, pretendemos traçar reflexões acerca da prática pedagógica da contação de histórias, discutindo o tema contação de história na alfabetização, tendo como objetivo geral verificar a contribuição da contação de histórias para a formação de futuros leitores, buscando responder à pergunta de pesquisa: como a contação de história pode contribuir para a formação de futuros leitores? Para tanto, aponta-se como objetivos de pesquisa: verificar o que diz a literatura sobre a contação de história e a sua utilização em sala de aula; relacionar a contação de história com o ensino da alfabetização; propor projeto de intervenção como contribuição da contação de história na prática docente. A abordagem metodológica é feita através de uma pesquisa bibliográfica sobre: Contação de histórias, Contação de histórias e docência e Alfabetização. Para aprimorar a análise desses objetivos, em prol de alcançar a pergunta de pesquisa, realizamos estudo com a estratégia da pesquisa-ação que traz como proposta o Projeto de Intervenção, que atrelamos à contação de histórias e à atividade de alfabetização com o intuito de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de crianças no período de alfabetização, incluindo a elaboração da Sequência Didática sobre a contação de história de um conto africano. As referências consultadas foram: Abramovich (2009), Cardoso e Faria (2016), Soares (1985), Mortatti (2006) e Thiollent (1986) entre outros. A sequência didática abrange o gênero textual conto africano, pois visa estimular e provocar no sentido de incentivar uma nova postura nos comportamentos como leitores e, com isso, levar ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

**Palavras-chave:** Contação de história. Leitura. Alfabetização. Conto africano.

## ABSTRACT

The present work was developed from experiences lived in the non-curricular internship of the Literacy Policy Management Project (PGPA) in the municipal school of Salvador in 2018, in the 3rd year class of elementary school I. With this study, we intend to outline reflections on the pedagogical practice of storytelling, discussing the theme of storytelling in literacy, with the general objective of storytelling contributing to the formation of future readers and to answering the research question: how storytelling can contribute to the formation of future readers? Therefore, the following research objectives are: to verify what the literature says about storytelling and its use in the classroom; relate storytelling to literacy teaching; propose an intervention project as a contribution to storytelling in teaching practice. The methodological approach is made through a bibliographical research on: Storytelling, Storytelling and teaching and Literacy. To improve the analysis of these objectives, in order to reach the research question, we carried out a study with the action research strategy that proposes the Intervention Project, which we link to storytelling and literacy activities in order to contribute to the development of children's skills in the literacy period, including the elaboration of the Didactic Sequence on the storytelling of an African tale. The references consulted were: Abramovich (2009), Cardoso and Faria (2016), Soares (1985), Mortatti (2006) and Thiollent (1986) among others. The didactic sequence will cover the African short story text genre, as it aims to stimulate and provoke them in order to encourage them to have a new posture in their behavior as readers and, with this, lead them to develop a taste for reading.

**Keywords:** Storytelling. Reading. Literacy. African tale.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS .....</b>	<b>11</b>
2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E DOCÊNCIA .....	12
<b>3 ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
4.1 PROJETO DE INTERVENÇÃO .....	28
4.1.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: GÊNERO TEXTUAL CONTO AFRICANO .....	29
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO A – O BAÚ DAS HISTÓRIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A atuação no estágio não curricular foi a minha primeira vivência com a docência que se deu através do Projeto Gestão de Política da Alfabetização (PGPA), em uma escola da rede municipal de Salvador no ano de 2018, à época, em uma turma do último ano do ciclo da alfabetização, 3º ano do ensino fundamental I.

Os momentos que vivenciei e observei na sala de aula de alfabetização foram de extrema importância para o meu processo de formação enquanto futura pedagoga, no sentido de propiciar conhecimentos sobre o fazer pedagógico de uma profissional no ensino em uma turma de alfabetização que utilizava a contação de história como um recurso didático. A percepção que a prática proporcionava aos alunos, reações ao atentarem à história e a forma que externavam suas emoções, me fizeram perceber a contribuição da contação de história como um meio favorável e incentivador no desenvolvimento da aprendizagem na alfabetização. Daí o meu encantamento sobre a contação de história na alfabetização.

Através de busca no site Google Scholar, encontramos algumas pesquisas sobre contação de histórias e outras sobre alfabetização. Algumas se aproximam da pesquisa ora em tela. Uma é de Maria Eliane da Silva (2016), que publicou artigo científico na Universidade Federal de Rio Grande do Norte com o título: “A importância da contação de história na alfabetização”, cujo objetivo foi mostrar que a contação de história tem um papel fundamental na rotina escolar do aluno e intenta desmistificar a ideia de que a contação de história é somente para acalmar as crianças. A pesquisa traz como resultados estimular a criança a aprender de forma lúdica e prazerosa através da contação de história.

A outra é de Regina Kramer Wendt (2011), a qual apresenta uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso de graduação para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o título: “A importância da contação de história na alfabetização”, trazendo como objetivos: a avaliação diagnóstica formativa, relacionando as teorias e as práticas da contação de histórias no contexto educacional, e, como resultados, aponta a utilização da contação em um contexto de aprendizagem no qual se buscava motivar os alunos durante as aulas.

Já Eva Lorena Azevedo Dantas (2019) traz no artigo para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, “A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores”, que tem como objetivo analisar a contação de histórias em uma instituição de educação infantil no município de Florânia-RN, tendo como resultado que a Literatura Infantil, mais precisamente a contação

de histórias, pode contribuir para a prática no cotidiano pedagógico e formação de leitores na educação infantil.

Rachel Cristina Araujo de Oliveira (2010) apresentou a monografia à Universidade do Rio de Janeiro, refletindo sobre alfabetização patrimonial a partir de oficinas de “contação de histórias” com o objetivo de refletir sobre a alfabetização patrimonial e a construção da autoria nos anos iniciais do ensino fundamental. Teve como resultado das oficinas com crianças, a revelação como espaços-tempos privilegiados e potentes para provimento de novas práticas de leitura e escrita na escola, reafirmando sua potencialidade como ambientes alfabetizadores.

Katielle de Oliveira Félix de Sena (2019) expôs na sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade La Salle, “A contação de história nos processos de ensino e de aprendizagem” em um terceiro ano do ensino fundamental, que traz como objetivo geral analisar como a contação de histórias, entrelaçada à participação familiar, intervém no desenvolvimento da alfabetização de alunos que apresentam sintomas de dificuldade de aprendizagem. Apontou como resultado que os dados indicam a oscilação da participação familiar na participação das práticas propostas. Ao comparar o rendimento escolar dos alunos, foi observado que os que mostraram melhor desenvolvimento na alfabetização foram os que tiveram seus familiares fazendo parte do projeto proposto de modo mais intenso.

Esta monografia difere dos demais estudos apresentados, devido ao fato de ter sido uma mostra de algo que eu observei e vivenciei por meio do estágio não curricular em uma escola da Rede Municipal de Ensino. Em virtude disso, desenvolvi um projeto e, posteriormente, o desejo de concretizar o registro para de alguma forma contribuir com a academia.

Assim, o presente trabalho busca discutir como a contação de história pode contribuir para a formação de futuros leitores, discutindo sobre como conseguir alcançar os objetivos propostos, quais sejam: verificar o que diz a literatura sobre a contação de história e a sua utilização em sala de aula; relacionar a contação de história com o ensino da alfabetização; propor projeto de intervenção como contribuição da contação de história na prática docente.

Essa pesquisa aponta a necessidade de ampliar as discussões a nível acadêmico sobre esse tema, e contribuir com mais informações, como divulgação, em vista de aplicar soluções efetivas para o problema do desinteresse pela leitura que causa tantos prejuízos de ordem social e política.

Diante da realidade em que crianças não se sente atraídas à leitura no espaço escolar, se faz necessário buscar meios em prol do fazer docente em sala de aula com intuito de motivar e

aproximar o aluno, a aluna da leitura. Assim, a pesquisa disponibiliza informações sobre como a contação de história pode contribuir para a formação de leitores, leitoras da palavra escrita.

A sociedade atual vive um momento de renovação, de modo que a educação busca ressignificar formas de atuação pedagógica, visando a formação do discente em seu conhecimento mais amplo, que oportunize a aprendizagem com diferentes possibilidades de aquisição do saber.

A contação de história está para a escola como um meio que possibilitará a superação do desinteresse do/da estudante pela leitura.

A nova Base Nacional Curricular (BNCC) apresenta objetivo de traspor o ensino tradicionalista, bem como motivar e engajar alunos.

Durante todo o meu percurso como aluna na educação básica do ensino fundamental I dos anos iniciais, não tive a oportunidade de vivenciar a Contação de História como instrumento de experiência didática. Hoje, na condição de futura professora, após ter vivenciado essa experiência por meio do estágio não curricular no contexto escolar, percebi a sua contribuição no estímulo à leitura e ao desenvolvimento da linguagem. Por essa razão, esse tema me inquieta e através desta pesquisa tenho a intenção de responder à seguinte questão: como a contação de história pode contribuir para a formação de futuros leitores da palavra escrita?

O método utilizado para realização desta pesquisa é o qualitativo com a finalidade de analisar como a contação de história pode contribuir para a formação de futuros leitores. Assim, apontam Lüdke e André (1986, p. 11) “A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”. O trabalho foi desenvolvido através da Pesquisa-ação.

O referencial teórico da pesquisa foi composto de autores que discutem os conceitos de contação de história e sua importância para a alfabetização. Os principais autores que fundamentam este trabalho são: Collins e Cooper (2005), Abramovich (2009) e Cardoso e Faria (2016) que apontam conceitos sobre a Contação de História. Trago também Soares (1985) e Mortatti (2006) que discutem o conceito da alfabetização. Também para o desenvolvimento da metodologia dialogo com Thiollent (1986).

Este estudo apresenta, nesta primeira seção, o meu relato de experiência e aponta a relevância da contação de história para o cenário escolar. Na segunda seção, Contação de histórias, traz alguns registros sobre a minha ligação com a contação de história, como também o seu conceito e importância para o desenvolvimento do trabalho pedagógico para alfabetização. Já a terceira seção abrange a Alfabetização em seus conceitos e métodos. Seguindo para quarta seção, a

Metodologia que foi desenvolvida sob uma nova estratégia em função da pandemia de covid 19, e com isso é constituída pelo projeto de intervenção na forma de sequência didática, uma das possibilidades da pesquisa. No final, apresentamos as considerações finais.

## 2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Foi por meio da universidade que eu tive conhecimento sobre a arte da contação de história e a sua possibilidade de uso no meio escolar, por meio do componente curricular Literatura e Educação, que cursei no segundo semestre do curso de Pedagogia, através de uma atividade que propunha a reescrita e leitura de um conto e, posterior, apresentação em sala de aula.

Para discutir a contação de história, se faz essencial conhecer o seu conceito. Por isso, a importância de apresentar o termo, bem como as diferentes complexidades quando compreendido a partir da sua aplicação no campo educacional. Inicialmente, trago o conceito proposto por Cardoso e Faria (2016, p. 6), os quais afirmam que “[...] contar história é uma arte, pois envolve vários mecanismos para prender a atenção dos seus ouvintes”. Por essa visão, a contação de história desponta como uma técnica que traz como instrumento a possibilidade de reter a concentração e o interesse das crianças.

Para Costa (2013, p. 25), “A contação de história é fundamental ao processo de ensino-aprendizagem [...] A contação de história é o caminho para esse processo de ensino, lúdico e prazeroso”. Percebo a importância da contação de história como um meio a oportunizar o ensino-aprendizagem de modo que a docente possa alcançar a intencionalidade planejada para a aula. Ainda nesse sentido, Motoyama, Ferreira e Curado (2013, p. 1) dizem que “A contação de histórias é uma atividade importante para o desenvolvimento oral dos sujeitos, pois através do texto ocorre a interação entre o contador e os seus ouvintes [...]”. Nesse contexto, Collins e Cooper (2005) afirmam que:

Definir contação de histórias [...] é tentar concretizar o que é abstrato. É suficiente dizer que a contação de história está entre as formas mais antigas de comunicação. Ela existe em todas as culturas. Contação de história é comum a todos os seres humanos, em todos os lugares, em todos os tempos. Ela é usada para educar, inspirar, recordar eventos históricos, entreter, transmitir hábitos culturais (COLLINS; COOPER, 2005, p. 1 apud ROSSONI; FELICETTI, 2014, p. 256).

A partir da conceituação de contação de história acima, fica evidente o escape do padrão, que os especialistas trazem sobre o tema, conceituando-o de modo particular. Na visão proposta por Cunha (2002, p. 57), “De modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. Permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação

crítica das condições e possibilidades da existência humana”. Abramovich (1991, p. 143) concorda com Cunha (2002, p. 57) ao defender que,

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...E isso não sendo feito uma vez ao ano, mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente [...].

Partindo desse ponto de vista, Motoyama, Ferreira e Curado (2013, p. 5) defendem que “O ato de ler um texto já enriquece o desenvolvimento infantil, mas a contação – considerando o potencial de desenvolvimento oral dos seres humanos no início de sua vida – auxilia na construção do pensamento e fundamenta o senso crítico”. A ação da leitura aprimora a evolução da criança, contudo a contação de história, tendo em vista a possibilidade de escalada vocal da pessoa no começo da sua vivência, contribui para a estruturação de ideias para estabelecer a sua criticidade.

Em conformidade a isso, Santana (2018, p. 24) adverte que “Devido à importância que a contação de histórias tem para formação do senso crítico da criança, é preciso escolher corretamente qual história contar”. A contação de história possui relevância no sentido de instruir o aluno no desenvolvimento da sua capacidade de análise, como elaboração de questões, para tanto, se faz necessário decidir, acertadamente qual narrativa apresentar.

Dito isso, a autora ainda aponta que: “Muito importante para o contador de histórias, depois de feito um bom planejamento e a escolha da história certa para tal ocasião, é conhecer algumas técnicas que poderão auxiliá-lo nesta atividade” (Idem, p. 26). É valioso para a contadora de história, logo após o processo oportuno de organização como a opção da narrativa adequada para o momento, pois apoiará na prática.

## 2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E DOCÊNCIA

Iniciei a prática de estágio remunerado através do Projeto Gestão de Política da Alfabetização (PGPA) da Secretaria Municipal da Educação (SMED), em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS), em uma escola da rede municipal de Salvador que integrava a Gerência Regional (GR) da Orla, no ano de 2018, à época, em uma turma do 3º ano do ensino fundamental I, com alunos na faixa etária que variava de oito a dez anos de idade, cuja carga horária era de 20 horas

semanais no turno matutino. Esse estágio tinha como objetivo o ensino, exclusivamente para os alunos alfabéticos que apresentavam dificuldade na leitura e na escrita, como isso, a abordagem dos conteúdos era feita com os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. Eu tinha também como atividades da minha função o registro em dois cartazes, um que trazia informações acerca dos livros lidos pelo aluno no bimestre e outro para informações sobre a frequência, ou motivo da falta como a justificativa, como também o acompanhamento diário das atividades dos alunos nos deveres de casa, de maneira, a prestar auxílio à professora regente. Trago na minha memória essas lembranças do cotidiano que vivenciei na sala de aula com a professora, que contava histórias para as crianças. Foi em consequência dessa experiência vivenciada no estágio, que me despertou o desejo de desenvolver estudo acerca da contação de histórias.

Eu comecei a estagiar na escola municipal no mês de julho do ano de 2018 e lá permaneci até dezembro daquele mesmo ano. Logo de início, fiquei um pouco apreensiva, pois iria chegar em um cenário que já estava pronto, em que todos já se conheciam, pois fazia meses que o ano letivo já tinha começado.

Quando iniciei o estágio, e conseqüentemente o contato direto com as crianças em sala de aula, logo pude perceber que havia um expressivo número de crianças que ainda não tinha alcançado a habilidade da leitura e da escrita. Com isso, não liam de maneira convencional, isto é, ainda não demonstravam ter apropriação do sistema de escrita alfabética.

A primeira vez que eu presenciei a professora regente contar uma história, eu me surpreendi, pois antes ela preparou um simples cenário que foi a sua mesa de trabalho, cobrindo-a com uma toalha colorida e arrumando os livros para que os seus alunos viessem escolhê-los. Logo em seguida, chamava-os, respeitando a ordenação da caderneta. A seguir, a docente se colocava à frente da mesa e contava uma história. Trago comigo esse registro muito forte em minha memória da contação de história na sala de aula, e quando eu observava as crianças, percebia a mudança das suas expressões ao se atentarem, envolvidas na história. Para mim, ficava nítido o interesse, o prazer da escuta.

Coelho (1997, p. 13 apud SANTANA, 2018, p. 24) defende que “[...] é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas”. Assim, é elementar que a docente escolha previamente a história, considerando aspectos como a instrução, a disposição do ouvitor, bem como o intervalo de idade e a situação social e econômica. De encontro ao que

foi exposto, em relação ao trabalho pedagógico, em oportunizar ao aluno contato cotidiano com a leitura da história, Souza (2010, p. 29) ensina que:

Em relação à sala de aula, muitas vezes o único lugar onde as crianças oriundas das classes sociais menos favorecidas têm a oportunidade de leitura, a obra literária não deve circular pelo cantinho da leitura, na hora da leitura. Deve sim ocupar o grande espaço destinado ao livro didático, à gramática e aos projetos. Deve ser a alma das aulas, pois já está comprovado que não é estudando gramática que se aprende a ler, a falar, a escrever e, muito menos, a pensar. Essas habilidades nascem e se desenvolvem ao longo de muitos livros lidos, pelo contato permanente com os grandes escritores, com a melhor linguagem[...],

É a classe escolar que permite à criança da camada social, com baixo privilégio, vivenciar o momento da leitura. Por isso, a obra literária deve ter destaque, ou seja, o uso prioritário. Pois é por meio da relação constante com os diversos livros que o aluno aprende a codificar, a decodificar e a refletir. Com isso, Motoyama, Ferreira e Curado (2013, p. 5) ensinam que “[...] o desenvolvimento infantil é potencialmente melhor quando a criança é submetida a situações de contação de histórias orais”. Nessa perspectiva, Cunha (2013, p. 185) considera que:

Para formarmos um leitor, não basta apresentá-lo ao livro, é preciso cultivar e depois cuidar para que a sementinha que foi plantada cresça e floresça. O professor, principalmente das séries iniciais, deve estar atento a isso. A alfabetização e anos que se seguem a ela são essenciais para a formação do novo leitor. É aí que a contação de histórias deve voltar a fazer parte da rotina do aluno [...].

Se faz fundamental, desde os anos iniciais, o desenvolvimento de estratégias com o intuito de ressaltar a importância da leitura para estudantes, de maneira que busque despertar a sua atenção para a apresentação do livro com o objetivo da construção de um futuro leitor. Para tanto, uma excelente base para aguçar esse sentido é a contação de história.

[...] contação de histórias é uma excelente estratégia para o professor colocar as crianças em contato com boas histórias. Histórias que, além de proporcionar o primeiro contato com os livros de forma agradável, irão distraí-las, levá-las a lugares distantes, onde, através do imaginário e da fantasia, viverão situações, experiências e aventuras das mais variadas possíveis (REGATIERI, 2008, p. 34).

Com isso, Motoyama, Ferreira e Curado (2013, p. 2) defendem que outra importante função do ato de contar histórias às crianças “[...] está relacionado ao incentivo à formação leitora. Ao ouvir as narrativas, os infantes ficam instigados a buscar novas aventuras e acabam por descobrir o texto escrito, o livro e os encantos da literatura infantil”. O surgimento de diversas

aplicações na ação de contar histórias para o público infantil acha-se pertencente ao estímulo, à constituição leitora. Ao escutar a narração, as crianças ficam atraídas a explorar novidades, riscos e completam até encontrar o texto escrito, ou seja, o livro e os atrativos da literatura infantil.

Nessa perspectiva, docentes têm uma grande responsabilidade, pois terão que planejar suas ações de modo a provocar o gosto pelo livro e trazer para o ambiente escolar facilidade, para que o contato de estudantes com o livro aconteça. Nesse sentido, Rossoni e Felicetti (2014) afirmam que:

A intervenção pedagógica com o uso da contação de histórias, possivelmente, produz uma visão prospectiva da aprendizagem, na medida em que o indivíduo (criança ou adulto) faz conexões, estabelece relações entre os conhecimentos trazidos pelas histórias e os seus já internalizados (ROSSONI; FELICETTI, 2014, p. 229).

Indo ao encontro dessa visão, Mainardes (2019, p. 3) defende que “Se a leitura for trabalhada de uma forma diferente nas escolas, transformando-a em momentos agradáveis, nutridos de motivação e curiosidade, teremos uma prática transformadora e a leitura se tornará imprescindível.”. Para mim, ficava evidente a partir do que eu observava na sala de aula que a leitura desenvolvida pelo uso da contação de história era um modo pelo qual expandia no aluno, na aluna entusiasmo, e no momento que transcorria a história, a resposta era automática, correspondendo ao que era proposto pela docente. A possibilidade da aproximação do leitor com o texto literário pode produzir uma aprendizagem significativa, nesse sentido, Souza (2010, p. 29) ensina que:

[...] o encontro solitário do leitor com o texto literário não pode ser substituído por nada. Porque é nesse encontro que as experiências são compartilhadas e os valores introjetados. A literatura infantil, além da magia e do sonho, ajuda a criança a entender que o mundo tem obstáculos, mas que é possível transpô-los; permite a construção de valores como solidariedade, compaixão, amizade; ajuda a não incorporar os preconceitos transmitidos pelos adultos. Essa é a natureza pedagógica da literatura.

Em relação ao que foi dito, anteriormente, é possível refletirmos sobre a responsabilidade docente nesse processo em que se desenvolverá o encontro entre estudantes e o livro. Eu tive a oportunidade de presenciar em sala de aula e percebia como era imprescindível o papel da professora na ação de viabilizar o vínculo entre o livro e leitores. O que corrobora com a orientação de Abramovich (1991, p. 16),

[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].

A esse respeito, Torres e Tettamanzy (2008, p. 3) defendem que seja ação docente “[...] fazer com que os alunos gostem de ler” e continuam argumentando “Mas, não [...] obrigá-los a isto, temos sim que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura. Para isso, um caminho possível é o da contação de histórias [...]”. Nessa perspectiva, Costa (2013, p. 24) orienta que:

É no processo de contar e recontar histórias, interagindo com os outros, observando-os e participando das brincadeiras que a criança vai se aprimorando tanto dos processos básicos de amadurecimento como dos modos particulares de brincadeira, [...]. Então, a leitura [...] deve ser inserida nesse contexto como mais uma brincadeira gratificante e produtiva, exercitando o poder da fala e da oralidade.

Em relação ao que foi exposto, me recorro que no intervalo entre as aulas, uma aluna chamou os seus colegas da turma para brincar. Nessa brincadeira, ela escolheu um livro que eles gostavam e enquanto ela lia a história a seu modo, seguindo as páginas do livro, os seus colegas repetiam as falas dos seus personagens preferidos. É inegável que a leitura já era algo tão intrínseco para aquelas crianças, que já traziam de forma natural para as suas brincadeiras.

Segundo Ferreira e Oliveira (2020, p. 73), “Além de explorar a linguagem, as histórias, quando narradas em sala de aula, contribuem no sentido de estreitar a relação existente entre adultos e crianças e possibilitam o desenvolvimento da criatividade e a capacidade de brincar com o imaginário de maneira astuciosa”. Nesse sentido, De Sousa e Dalla (2011, p. 237) concordam e afirmam que:

A [...] contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolve a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

A importância que as narrativas orais estabelecem na prática de instrução manifesta a competência, bem como a autonomia na criança de maneira que ela se vê provocada de tal modo, que, sem ter noção, progride e cria a sua própria compreensão do meio em que vive. Com isso, envolta no contentamento, na diversão que as narrativas produzem, percebe que lhe

proporciona, também, o desenvolvimento de múltiplas variedades de conhecimentos. Nesse mesmo contexto, Motoyama, Ferreira e Curado (2013, p. 2) ressaltam “[...] a importante função que desempenha o texto oral na formação das crianças, que ainda não desenvolveram a habilidade de leitura e têm na oralidade a ferramenta para estimular sua imaginação, resolver seus conflitos e até mesmo buscar diversão”.

Nesta direção, Cardoso (2016, p. 7) defende ainda que “O educador precisa se dedicar ao contar ou ler um texto, não somente didatizar as histórias sem a participação de estudantes. Deve haver o gosto do contador para despertar também em ouvintes o prazer da história”. Nesse sentido, Regatieri (2008, p. 31) adverte que, “[...] associar a contação de história ao ensino de determinados conteúdos [...] preocupação pedagógica ainda voltada para uma postura normativa e formativa, ou seja, o didatismo na contação de histórias”, pode ser nefasta para a formação para a leitura, tirando-lhe a ludicidade.

Ao recordar de quando estava em sala de aula, percebia que em alguns momentos da aula as crianças perguntavam à docente quando iria contar a história. Se aquele dia era dia de contação de história. Notava que o uso do recurso acontecia em meio a uma proposição que não estava vinculada a uma aprendizagem formal, mas sim de proporcionar para seus alunos, suas alunas uma experiência lúdica, por isso, prazerosa.

A ação que a docente desenvolvia em sala de aula com as crianças, ou seja, a mediação de leitura, necessita alguns cuidados como aponta Afonso (2012, p. 5) “Para que a atividade [...] se realize de maneira eficiente [...] aspectos merecem ser observados [...]: conhecimento sobre a função do mediador, ser leitor, ter conhecimentos teóricos e práticos sobre a arte de contar histórias, ter acesso a um bom acervo de livro”. A esse respeito, Cardoso (2016, p. 6) concorda que “[...] o educador precisa estar preparado, utilizando-se de técnicas apropriadas para todo tipo de ouvinte, assim como utilizar recursos, espaço e tempo para atender melhor às suas necessidades”.

Quando estava estagiando na turma de terceiro ano do Ensino Fundamental I, percebia que a docente trazia registros que indicavam ser elaborações acerca das suas mediações de leitura que iria desenvolver. Em um caderno, ela registrava e levava as suas pretensões que eram pontuadas passo a passo com o intuito de estabelecer a execução com os seus alunos na sala de aula. Em relação à necessidade do planejamento da ação docente para a mediação, Afonso (2012, p. 3) discute que:

Com o trabalho sistemático, planejado e consciente do mediador é possível ter êxito na formação de crianças leitoras, [...]. Nessas experiências as crianças

vão internalizando comportamentos leitores que ajudam a formar o gosto pela leitura, estimulando-a a aprender a ler o quanto antes para desvendar, ela mesma, as narrativas dos livros com suas múltiplas palavras, frases, parágrafos e textos inteiros, sem necessitar que outra pessoa leia para ela.

Analisando a ação da docente na sua maneira de dizer as palavras, no gesticular das suas mãos e da forma que folheava o livro, como tudo era feito sob uma harmonia, agora, posso concluir que toda aquela intimidade e aproveitamento daquele momento da contação de história seria em consequência da sua dedicação, provenientes da sua reflexão e, posteriormente, do desenvolvimento de um estudo para que criasse possibilidade de ser aplicado no seu planejamento. Com esse mesmo sentido, Lima (2020, p. 26) defende que docentes devem “[...] organizar atividades rotineiras. Pensar o dia a dia é planejar a nossa ação para atingir o que almejamos. [...] Planejar uma atividade pedagógica com o objetivo de incentivar a leitura tem um papel fundamental no processo educativo”. A autora ainda ressalta que:

E para contar histórias, o planejamento é fundamental. Começamos a planejar a partir da escolha da história, selecionamos o [...] livro de acordo com a faixa etária dos alunos e no momento que vamos iniciar nosso trabalho de mediação devemos considerar as possibilidades de como podemos apresentar [...], ler o nome do autor, falar sobre a capa, observando cores, formas e palavras, incentivando-os a perceberem [...] as informações e dados presentes nela. (LIMA, 2020, p. 26).

Nessa perspectiva, para que o professor, a professora possa contar histórias, é de suma importância a elaboração de um plano, ou seja, um roteiro. Iniciando por traçar a seleção da história, separando o livro em função das idades das crianças, e no instante o qual temos que começar a laboração da mediação de leitura, temos que pesar as chances, de que modo, integralmente, conseguiremos expor o livro, bem como o nome do autor, dialogar sobre a capa, contemplando as cores, formatos, termos e estimularmos nos alunos a compreensão das informações acerca da capa e do livro. Afonso (2012, p. 3) quando aborda a perspectiva do ouvinte, pontua:

Ao ouvir as histórias contadas, o ouvinte tende a incorporar em seu comportamento o modo de contar, postura de corpo e até mesmo a ampliação da linguagem. Atitudes ao segurar o livro, ao passar as páginas, a postura e o uso da voz, enfim, todo o processo de mediação da leitura é percebido pela criança. Essas ações demonstram o início da aquisição da leitura, uma vez que a criança que ouve histórias, mesmo não sabendo ler, tem maior possibilidade de pegar um livro, usar a imaginação e inventar uma história, ou até mesmo recontar uma que goste muito e tenha memorizado.

Diante do que foi anteriormente exposto, me veio a lembrança de um aluno que ainda não lia convencionalmente, mas que se interessava muito pela leitura, e que, por isso, tinha um livro predileto, em momentos livres em sala de aula, ele folheava o livro, olhando-o, atentamente e empenhava-se em ler as palavras que muitas vezes já eram ditas, devido o registro delas já estarem retidas em sua memória.

Desse modo, podemos entender que a contação de história desenvolve um princípio formativo, isto é, de formar cidadãos pensantes e cientes de seu papel na sociedade, devendo ser tratada como um elemento fundamental que “A criança precisa desde cedo saber fazer a leitura de mundo. Para tanto, não basta apenas dominar as habilidades de leitura e escrita, precisa compreender o que está a sua volta. E para adquirir tal habilidade, a leitura é essencial, [...]” (FERNENDES; MORAES; DERING, 2021, p. 32).

Com isso, creio que a contação de história seja um elemento essencial para as crianças nos anos iniciais da alfabetização. Por isso, “[...] é importante compreender a intrínseca relação entre contação e leitura, visto que nas duas ações a criança fica mais atenta às diversas questões sociais e culturais e ainda ajuda na socialização dessa criança e no despertar do gosto pela leitura” (FERNENDES; MORAES; DERING, 2021, p. 25). Assim, se torna relevante entender o inerente vínculo entre a contação de história e a leitura, uma vez que são duas práticas em que sujeitos permanecem com maior concentração às várias indagações socioculturais com apoio na sociabilização, dessa maneira a criança gera o interesse pela leitura.

### 3 ALFABETIZAÇÃO

Para melhor compreendermos a alfabetização, é imprescindível conhecer o motivo pelo qual se originaram mudanças acerca dos seus métodos. Mortatti (2006, p. 2) ensina que “Em nosso país, desde o final do século XIX, especialmente com a proclamação da República, a educação ganhou destaque [...]. A escola, por sua vez, consolidou-se como lugar [...] institucionalizado para o preparo das novas gerações [...]”. Mediante o contexto histórico, o Brasil, a partir do fim do século XIX, principalmente, junto com a proclamação da República, a instrução recebeu visibilidade, com isso, a escola firmou-se como espaço legitimado no sentido de preparação para atuais gerações. A autora ainda explica que,

A leitura e a escrita — que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem era [...] restrita a poucos [...] tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita [...] as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional [...] (Ibidem, p. 2-3).

Para aprender a ler e a escrever existiam rotinas educacionais das quais o conhecimento era limitado apenas a alguns, posteriormente transformaram-se em princípio da escola forçada, insipiente e graciosa. As rotinas que favoreciam o ato de ler e escrever transpassaram desse modo, conformado ao ensinamento, ordenado, disciplinado e intencionado.

Assim, o contexto histórico apresenta o registro de que, “No Brasil, [...] O processo de apropriação da leitura, assim como o da escrita, sofreu alterações no decorrer da história [...]”. (PERFEITO, 2020, p. 21). Nesse sentido, a metodologia utilizada na educação no país para alcançar êxito na decodificação e codificação passou por adequações, dessa forma são notadas transformações com o passar do tempo referentes ao uso do tempo pedagógico e conteúdo.

Desse modo, “[...] as formas tradicionais de alfabetização inicial consistem num método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos”. (DUARTE; ROSSI; RODRIGUES, 2008, p. 1). Sendo assim, os traços tradicionais da alfabetização preliminar compreendem em um procedimento em que o docente expõe fundamentos aos discentes.

À época, o conceito da alfabetização estaria em torno de diversas interpretações. Soares (1985, p. 20) aponta que, “Em relação ao conceito de alfabetização assim entendido, [...] desenvolve-se em torno de dois pontos de vista [...] presentes no duplo significado que os verbos ler e escrever têm em nossa língua”. A autora ensina que, “A alfabetização seria um processo de

representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)”. A seguir, complementa que, “Ler e escrever significam apreensão e compreensão de significados expressos em língua escrita (ler) ou expressão de significados por meio da língua escrita (escrever)”. Por fim, ainda apresenta como o terceiro ponto de vista o “Conceito social da alfabetização”, que (Ibidem, p. 21).

Nessa perspectiva, a autora continua refletindo que “[...] a respeito do conceito de alfabetização, esta não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado” (Ibidem, p. 21). A definição de alfabetização, para a autora, nunca pode ser encarada como uma capacidade, mas sim como uma reunião de capacidades, as quais qualificam o acontecimento de um modo meio difícil e heterogêneo.

A autora defende ainda que, “O conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e psicológicas” [...] (Ibidem, p. 21). A mesma autora ainda ensina que o conceito de alfabetização se trate de “[...] um processo complexo como a alfabetização, de uma multiplicidade, de perspectivas, resultantes da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques, exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores [...] e seus contextos culturais, métodos, material e meios”. (SOARES, 1985, p. 20). A seguir, Soares ainda defende que:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo - criança [...] tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES 1998 apud BORGES; GOMES; DE CARVALHO, 2020, p. 6).

Com isso, alfabetizar refere-se a promover situações no sentido de que a pessoa porte ingresso no mundo da escrita, apresentando-se apto não obstante de decifrar e traçar, enquanto capacidade de leitura e decifração do sistema de escrita, contudo, principalmente, de estabelecer na atualidade a utilização apropriada da escrita junto com totais aplicabilidades diante da coletividade, do mesmo modo como ferramenta de enfrentamento pelo êxito da condição de cidadão.

Na visão de Perfeito, (2020, p. 21), “[...] o conceito de alfabetização foi evoluindo de acordo com as épocas, as culturas, a chegada das tecnologias, necessidades sociais e demais inovações”. Assim, o conceito de alfabetização conduziu-se ao desenvolvimento desde a

determinação, juntamente com o período, os saberes, a vinda da tecnologia, a imposição sociável, como também das muitas informações.

Em meio ao desenvolvimento desse estudo, me veio à memória o meu próprio processo de alfabetização. Era latente o meu desejo em aprender a ler, e isso me gerava uma ansiedade, com isso me empenhava em alcançar esse objetivo. Lembro que tinha acabado de completar sete anos de idade e em uma tarde estudava sentada à mesa da sala de minha casa, eu tentava ler, ficava nervosa, pois ansiava em ler com fluência. A minha mãe percebia a minha dificuldade e tentava me auxiliar, mas eu sempre chorava pelas tentativas frustradas. Alguns meses se passaram, mudamos de residência e, conseqüentemente, eu mudei de escola eu já estava no primeiro ano do ensino fundamental I, e finalmente aprendi a ler. O momento em que eu consegui ler com fluência pela primeira vez me marcou de tal modo, que eu creio que nunca esquecerei, pois foi algo de extrema importância para mim e que aconteceu de uma forma inexplicável.

Historicamente, “Os primeiros materiais didáticos no Brasil eram cartilhas que eram formadas a partir do método sintético, cartilhas e livros que eram produzidos na Europa utilizados no Brasil” (SERRA, 2017, p. 12). Os instrumentos educativos elementares do nosso país deram as cartilhas elaboradas segundo processo de alfabetização, como também livros os quais eram preparados no continente Europeu e aplicados no Brasil. Portanto,

[...] o método sintético de alfabetização, sendo este compreendido como um método pautado na pedagogia tradicional, o qual trabalha a aprendizagem como processo cumulativo, objetivando acumular conhecimentos[...] (BORGES; GOMES; DE CARVALHO, 2020, p. 8).

Esclarecendo ainda mais esse método, aprendemos que “Esse método se divide em três processos: alfabético, fônico e silábico”. (RANGEL; DE SOUZA; SILVA, p. 499). Por isso, “Os métodos sintéticos apoiam-se na ideia de que a língua portuguesa é fonética e silábica, de modo que a dedução é a melhor maneira de dominar a leitura e que a aprendizagem da escrita se dá por meio de um processo que atente para essa característica”. (Ibidem, p. 1). Em seguida, os autores ressaltam que,

Esse método leva o aluno a ler letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra, o que acarreta o aumento do número de pausas, favorecendo os movimentos de olhos regressivos que causam cansaço, prejudicando o ritmo e a compreensão da leitura (BORGES; GOMES; DE CARVALHO, 2020, p. 9).

Relacionando esse estudo com a minha experiência pessoal, eu tomo consciência de quando estava no processo de alfabetização e da dificuldade que tinha em desenvolver a prática de decifração do código escrito. É notória a relação da prática pedagógica desenvolvida pela docente, devido ao estabelecimento do método de alfabetização da época. Assim, “As mudanças na organização do ensino têm suscitado novas apropriações do funcionamento da escola e das práticas pedagógicas” (PERFEITO, 2020, p. 22). Em relação ao que foi dito, anteriormente, o autor salienta que:

[...] método sintético é o método de alfabetização que leva em consideração aspectos sonoros e gráfico das palavras. Por meio desse método, o aluno é introduzido ao mundo das letras, levando em consideração a família dos sons (vogais, consoantes simples e complexas), identificando os sons nos diferentes textos. Dessa forma, o método preconiza as partes de um todo, que são as palavras (SERRA, 2017, p. 9).

Então, o método sintético de alfabetização cuida de particularidades como o som e grafia dos termos. Por intermédio dessa estratégia, o discente é posto frente às letras e tudo que a compõe como sons (alfabeto), representando os sons dos distintos textos. Assim sendo, o processo indica os fragmentos de um inteiro, os termos.

Por outro lado, “[...] o método analítico ou global é um método que busca a compreensão do todo para que se chegue às partes desse todo” (SERRA, 2017, p. 9). Ao passo que, “São exemplos de atividades do método global a silabação, a palavração, a sentencição e o uso do método global de contos” (SERRA, 2017, p. 10). A seguir, o autor apresenta algumas considerações acerca do método analítico para o ensino da escrita:

Para o ensino da escrita, os métodos analíticos também valorizavam o desenho correto das letras, trabalhando a escrita cursiva desde o início da alfabetização e priorizando a caligrafia, a ortografia e o treino da escrita. Acreditava-se também que, de posse desse conhecimento, podia-se escrever qualquer texto, mas, diferentemente dos métodos sintéticos, nos analíticos os alunos eram estimulados a ler porções de sentido, o que favorecia a produção textual, mesmo usando um vocabulário mais controlado e fechado (ALEXANDROFF, 2013, p. 3-4).

No entanto, “A ação de alfabetizar um ser humano precisa ser compreendida como decorrente de um processo maior, que visa a emancipação [...]” (LORENZON, 2017, p. 80). Para tanto, é necessário ressignificar as práticas pedagógicas no sentido de “[...] investigar as possibilidades de desenvolver a alfabetização em uma perspectiva crítica [...]” (LORENZON, 2017, p. 79). Por isso, a prática de ensinar uma pessoa necessita ser interpretada de modo posterior de um procedimento superior, a qual intenta a autonomia.

Nessa linha de pensamento, “A partir da década de 80, a discussão passou a ser feita em outra perspectiva, buscando-se agora a desmetotização, principalmente pela urgente necessidade de alfabetização dos brasileiros” (SERRA, 2017, p.13). Nessa mesma perspectiva, Alexandroff (2013, p. 4) defende que:

[...] essas ideias e metodologias passaram a ser questionadas, em função da crescente demanda de crianças com problemas de fracasso na alfabetização. Surge o construtivismo, baseado nas pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que deslocam as discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança.

Assim, as concepções e meios passaram a ser discutidos a cargo da sucessiva procura de crianças com dificuldades e insucesso na educação. Aparece o pensamento construtivista, fundamentado nas investigações acerca da psicogênese da língua escrita, aperfeiçoadas por Ferreiro e Teberosky, as quais movem disputas nas estratégias de instrução com destino ao procedimento de aprendizado da criança.

Serra (2017, p. 13) cita Ferreiro para explicar que, “O Brasil, na tentativa de ser uma potência econômica, buscou aproximar-se de novas tendências, como o construtivismo de Emília Ferreiro. Essa nova prática desloca o foco sobre o método para o amadurecimento mental da criança [...]”. O nosso país, numa investida de tornar-se força financeira, analisou alcançar últimas propensões, conforme o pensamento construtivista de Ferreiro. A novidade desse método é que sua aplicação traz para o centro o processo a maturidade intelectual da criança.

Nesse contexto, “[...] partindo da necessidade de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, o PNAIC estabelece uma formação continuada presencial de professores alfabetizadores e seus orientadores [...]” (PEREIRA; SILVA, 2021, p. 5). Diante da situação trazida e tendo como objetivo garantir que a totalidade das crianças estejam aos oito anos de idade finalizando o último ano do ciclo da alfabetização, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa define a formação continuada para professores alfabetizadores e diretores.

O PNAIC foi implantado em julho de 2012 com o objetivo principal de garantir o direito à alfabetização plena a todas as crianças até oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Sua proposta era a de reafirmar o que propõe o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, previsto no Decreto n. 6.094/2007” (Ibidem, p. 5).

Com isso, visa em suas proposições, além do direito às crianças de serem alfabetizadas até os oito anos de idade: “[...] o domínio de habilidades técnicas, codificação/decodificação dos signos alfabéticos – mas sobretudo, como direito e possibilidade de cidadãos alimentarem suas vivências, com o domínio da leitura e melhor compreensão do mundo em que vivem” (Ibidem, p. 8).

Em um artigo escrito para Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 06. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013, a professora Gabriela Duarte Cunha conta suas experiências bem-sucedidas com a contação de histórias como ferramenta de ensino. Ela conta que decidiu pôr em prática com a sua turma de 2º ano, aprendizados que havia tido relacionados às histórias clássicas. Para pôr em prática a leitura de livros tão extensos, como por exemplo, as obras de Monteiro Lobato, ela teve a ideia de “[...] aproveitar o lado “noveleiro” que existe em cada brasileiro, e assim, contar as histórias em capítulos” (CUNHA, 2013, p. 186). Assim, ela conta que leu *Reinações de Narizinho*, parte I, de Monteiro Lobato e *O Monstro Monstruoso da Caverna Cavernosa*, de Rosana Rios. Ela se surpreendeu com os resultados, não só porque percebia como as crianças ficavam empolgadas e esperavam ansiosas por aquele momento, mas porque percebeu que aquela ação despertou nas crianças “[...] o interesse pela leitura, não apenas a leitura individual, para si próprio, mas uma leitura para o grupo, eles queriam se tornar contadores de histórias como eu” (CUNHA, 2013, p. 187), conta ela. Essa professora percebeu que “Dar voz e vez a eles também foi muito importante para desenvolver a autonomia, a fluência leitora e a autoconfiança”, fatores importantíssimos no processo de alfabetização. Ela continua que observou que as crianças ficaram “[...] mais confiantes, lendo e escrevendo mais e melhor, o que prova que a contação de histórias também auxilia no ensino da leitura e da escrita” (CUNHA, 2013, p. 188).

No cenário atual, a Base Nacional Comum Curricular apresenta mudanças acerca da organização curricular do ensino fundamental, trazendo novas perspectivas para o ensino e aprendizagem por meio de áreas de conhecimento. Diante disso, a BNCC apresenta para os “Anos Iniciais, [...] valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil” (BRASIL, 2018). Isso evidencia a importância de se trabalhar em sala de aula com a contação de histórias. Ainda traz que: “Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética [...]”. Tendo vivenciado a experiência com o estágio, constatei o quanto é essencial à criança alcançar essa compreensão, pois quando isso

não ocorre, se enquadra em um processo de defasagem na alfabetização. “Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018). Algo que mediante a minha vivência em sala aula, por meio do estágio com o terceiro ano do ensino fundamental I, constatei que não se aplicava à turma, de forma geral, essas habilidades, pois muitas crianças ainda não tinham se apropriado do sistema de escrita alfabética.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em uma estratégia de pesquisa-ação. Segundo Thiollent (1986, p. 14) “[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo [...]”. Assim, por meio dos “[...] pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Com a utilização dessa técnica, buscaremos apresentar como proposta o Projeto de Intervenção na forma da elaboração de Sequência Didática na aula com a contação de história focada no componente curricular de Língua Portuguesa, com o intuito de levar os alunos a um engajamento maior na busca pelo aprendizado e estímulo à leitura.

Devido à pandemia do novo coronavírus, o que ocasionou, por consequência, o fechamento das instituições escolares, a produção de informações junto aos sujeitos de pesquisa ficou diretamente afetada. Mediante a essa nova realidade, a realização da pesquisa *in loco*, ou seja, a aplicação da sequência didática, ficou totalmente inviabilizada de acontecer, então, trouxemos a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa por meio da metodologia da pesquisa-ação, pois “[...] é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc.”. (THIOLLENT, 1986, p. 24).

Além disso, “Com ela se produz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta”. (THIOLLENT, 1986, p. 24).

Consideramos que “[...] a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional [...]” (THIOLLENT, 1986, p. 7) em virtude de proposta de desenvolvimento de um trabalho, que intenciona apresentar academicamente ampliação dos seus conhecimentos nos campos da contação de histórias e da alfabetização, o despertar da curiosidade e a reflexão, através da ação prática com a contação de histórias e do gênero textual que será efetivado durante a semana de intervenção. Sendo assim, apresentamos abaixo o projeto de intervenção com previsão de execução em uma semana.

Como estratégia para superar a defasagem que se faz presente na sala de aula, apresento como proposta o planejamento que contempla atividades que incluem na rotina trabalhos com os

eixos: leitura, escrita e oralidade. Através do desenvolvimento de leitura em voz alta de poemas, parlendas, trava-línguas com intuito de auxiliar as crianças na prática de leitura. Como também, analisar e construir palavras.

O Projeto apresentado abaixo foi desenvolvido com a temática conto africano: ler e contar, considerando que a maioria das crianças das escolas públicas de Salvador é afrodescendente, mas, não só por isso, também para cumprir as orientações da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira. A elaboração do referido projeto se deu mediante experiência já vivenciada em estágio, com isso surgiu a proposta de desenvolvermos um trabalho com o intuito de proporcionar o incentivo à leitura, favorecer o conhecimento da estrutura textual do gênero conto africano e o despertar da consciência no sentido de que a leitura seja imprescindível para a produção dos textos e também sugerir mudanças no comportamento leitor das crianças, durante cinco aulas, aos alunos da turma do 3º ano do ensino fundamental I, de modo a ampliar os seus conhecimentos, despertando a curiosidade e a reflexão. Em consequência, destacamos a inserção do gênero textual conto africano com intuito de agregar importância no aprendizado em sala de aula.

Assim, o projeto de intervenção se faz um instrumento de extrema valia pois tem o intuito de converter-se como uma opção muito atrativa, e como um meio de propiciar a formação de futuros leitores da palavra escrita.

#### 4.1 PROJETO DE INTERVENÇÃO

O projeto conto africano: ler e contar tem como desafio resgatar e auxiliar as crianças para o conhecimento da estrutura textual do gênero conto africano. Tem, também, o intuito de orientar para o desenvolvimento da ação de escrita autoral de um conto em prol de motivar o hábito para leitura e desenvolver o interesse para o comportamento leitor. Tudo isso, com a perspectiva de realizar um trabalho que leve crianças da educação básica, especificamente a turma do terceiro ano do ensino fundamental, a desenvolverem o estímulo acerca da leitura como também, da possibilidade de inclusão como ação em seu cotidiano, que, por isso, poderá favorecer a aprendizagem escolar, notadamente no desenvolvimento da oralidade, escrita e senso crítico. Segue, abaixo, a escrita do projeto:

TÍTULO: Conto africano: ler e contar

CONTEÚDO: Gênero Textual Conto africano: características.

#### OBJETIVO GERAL

Oportunizar às crianças conhecerem a cultura de povos africanos, mediante a leitura do conto africano.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar a narrativa oral e desenvolver o senso crítico da escuta;

Estimular o interesse pelo conto e cultura africana;

Desenvolver a leitura e escrita;

Incentivar a oralidade;

Desenvolver o gosto pela leitura;

Conhecer e identificar o livro literário;

Escrever um conto africano.

O projeto será apresentado através de uma parte introdutória com o registro da imagem no mapa do continente africano. Perguntar o que as crianças sabem sobre a África. Depois a aplicação da sequência didática que trará de início a apresentação do gênero textual conto africano, posteriormente, a contação da história, em seguida apresentar o livro literário e seu autor e ilustrador; após isso, explicar para as crianças a importância da leitura e suas consequências e concretizar a escrita coletiva de um conto e apresentação oral dele.

#### 4.1.1 Sequência didática: gênero textual conto africano

1º MOMENTO: Apresentação do gênero textual conto africano, informando que é conto oral, pois são passados das gerações mais antigas para as mais novas por meio das rodas de conversas, mas que, atualmente, já existem livros impressos. Apresentar também as características do conto africano: que possuem presença do imaginário, atribuição aos animais de propriedades exclusivas dos seres humanos como a fala, a descrição sobre a criação das coisas e pessoas e os valores que são expressos.

Contação de histórias, sem o livro, representando com a voz o texto (vide anexo A). História: O baú das histórias.

2° MOMENTO: Apresentar o livro literário de conto africano no qual há a história anteriormente contada, demonstrando o título, nomes do autor/ ilustrador e editora. Assim, nos reportamos a Souza (2010, p. 29) quando ensina que a: “[...] sala de aula, muitas vezes, o único lugar onde as crianças oriundas das classes sociais menos favorecidas têm a oportunidade de leitura, a obra literária [...]. Deve sim ocupar o grande espaço destinado ao livro didático, à gramática e aos projetos. Deve ser a alma das aulas [...]”.

3° MOMENTO: Explicar para as crianças a importância da leitura, pois traz a representação da realidade de forma lúdica, envolvendo os personagens e histórias, o imaginário na representação da situação da vida cotidiana. Sendo assim, elaboramos as seguintes perguntas que irão colaborar para que as crianças possam compreender melhor as cenas do conto: Como seria se não tivéssemos nenhuma história para contar? Qual o nome do personagem dono das histórias? Em que lugar eram guardadas as histórias? Qual o nome do personagem que queria comprar as histórias? Por que ele queria comprar as histórias? Qual a reação do dono das histórias quando recebeu a proposta de compra? Quais as três coisas que o dono das histórias exigiu como pagamento para as histórias? O que Ananse fez para conseguir encontrar Osebo, o leopardo-dentes-terríveis? Que convite fez a Osebo? Por que ele fez esse convite? Onde Ananse amarrou Osebo? Por quê? O que Ananse disse para Mmboro, os marimbondos-que-picam-como-fogo para conseguir prendê-los na cabaça? O que Ananse fez para atrair a atenção de Mmoatia que dançava ao pé da árvore flamboyant? Em que conseguiu prendê-la? Como Ananse conseguiu levar juntos: Osebo, Mmboro e Mmoatia ao Deus do Céu? O que o Deus do Céu fez quando Ananse levou o pagamento para as histórias? Que lugar Ananse levou o baú de ouro e histórias? O que aconteceu quando Ananse abriu o baú?

4° MOMENTO: apresentar a proposta de escrita de um conto, usando como estratégia o registro feito na lousa, desenvolvido coletivamente e terá como escriba a professora que conduzirá a mediação através de oportunas perguntas com isso, os alunos terão que, por meio das suas criatividade, construir uma nova história, oralmente para ser escrita com base na história O baú das histórias, traçando modificações para as ações dos personagens, como também estabelecer alterações a cada cena, de modo a alterar a escrita das falas, a ordem em que aparecerá e outros acontecimentos.

5° MOMENTO: Organizar grupos com três ou quatro alunos para produzir desenhos de acordo com o conto que foi criado coletivamente, com o prévio estabelecimento da cena do conto que ficará a cargo de cada grupo e a produção de desenhos correspondentes.

5° MOMENTO: Costa (2013, p. 24) menciona que:

É no processo de contar [...] histórias, interagindo com os outros, observando-os e participando das brincadeiras que a criança vai se aprimorando tanto dos processos básicos de amadurecimento como dos modos particulares de brincadeira, [...]”. A autora ainda faz menção sobre a leitura: “Então, a leitura [...] deve ser inserida nesse contexto como mais uma brincadeira gratificante e produtiva, exercitando o poder da fala e da oralidade”.

Inspirado no que Costa expressa, os grupos serão organizados na sala de aula em roda, na ordem em que as cenas do conto inventado por eles acontecerão. No grupo, a estratégia de apresentação ocorrerá da seguinte maneira: uma criança irá ler a parte que lhe cabe, enquanto o outro componente do grupo será responsável por mostrar o desenho produzido que corresponderá ao momento da cena que o colega estará lendo, serão usados como se fossem a ilustração durante a leitura. Após isso, da mesma forma, passará a vez da leitura para o outro componente do mesmo grupo e durante a leitura outro componente poderá mostrar o desenho correspondente ao trecho. Da mesma forma, os outros grupos irão apresentar a leitura em voz alta e o desenho será apresentado e deverá corresponder à parte que estará sendo lida, assim sendo até a apresentação de todos os grupos.

## RECURSOS E MATERIAIS

Papel ofício, cola, lápis, tesoura, lápis de cor.

## REFERÊNCIAS

PISCINATO, Milton Tadeu et al. Alfabetização, letramento e contos africanos. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 3, p. 251-258, 2018.

HALEY, Gail E. **O baú das histórias**. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, buscamos responder ao seguinte questionamento: como a contação de história pode contribuir para a formação de futuros leitores da palavra escrita?

A pesquisa surgiu em virtude de uma vivência de estágio em uma escola da Rede Municipal de Salvador em uma turma do 3º ano do ensino fundamental I e, além disso, consideramos ter nos inquietado uma questão de ordem pessoal e o muito propalado desinteresse da criança pela leitura.

O estudo apresenta busca no site Google Scholar em que encontramos algumas pesquisas sobre contação de histórias e outras sobre alfabetização, da continuidade trazendo informações sobre o método da Pesquisa-ação que foi utilizado para realização dessa pesquisa, a seguir, traz na seção Contação de história os teóricos que discutem os conceitos, logo após, na seção sobre alfabetização, apontamos o contexto histórico, por final, apresentamos o Projeto de Intervenção na forma de sequência didática.

A pesquisa apresenta como objetivos específicos: verificar o que diz a literatura sobre a contação de história e a sua utilização em sala de aula que teve o seu objetivo alcançado quando foi apresentada, na seção Contação de Histórias, a sua importância no processo de aprendizagem por contribuir para o ensino o lúdico, oportunizar a sensibilização na criança em escrever, do mesmo modo em que ver o outro concretizando essa ação, assim favorecendo o domínio para aquisição da escrita.

Outro objetivo foi relacionar a contação de história com o ensino da alfabetização, o qual também foi alcançado, através do estudo da possibilidade da utilização da contação de história para a formação de futuros leitores na escola, demonstrando de modo efetivo por meio do estudo, como também do projeto de intervenção que foi desenvolvido, conseguindo verificar que a contação de história se faz um recurso que aproxima e encanta o aluno para a leitura.

Também foi posto como objetivo deste trabalho propor projeto de intervenção como contribuição da contação de história na prática docente. Esse objetivo foi atendido através da apresentação de sequência didática, apresentada como um meio de auxílio no processo de alfabetização. Acreditamos que a proposta apresentada colabora para o conhecimento de professores alfabetizadores sobre o processo de aprendizagem do ensino da língua escrita, na produção de textos escritos e da leitura.

Sabemos que a pesquisa apresenta algumas lacunas que podem e devem ser preenchidas por meio de outras reflexões sobre o tema e o objeto estudado, mas consideramos que os objetivos propostos para realização desta pesquisa, do mesmo modo a questão que norteou o trabalho foram alcançados.

Por meio do estudo realizado para essa pesquisa, notamos a possibilidade de uma ampla utilização da contação de histórias, tornando-a um rico instrumento a ser explorado no meio escolar. É possível compreender que a contação de história vai além de ser um recurso pedagógico para a alfabetização, apresenta-se como um meio que traz a possibilidade para que aconteça a mediação de uma forma lúdica, prazerosa, pois favorece a criança no desenvolvimento de competências e habilidades.

A pesquisa teve como intuito buscar modificar a realidade presente na sala de aula que se mostra pouca atrativa para os alunos em fase de alfabetização e transformá-la, possibilitando que a sala de aula se apresente como um espaço motivante, acessível e instigador no qual todos sintam-se atraídos em estar nela e que também possa ser considerada como um ambiente de vivências e descobertas.

É possível concluir que esta pesquisa representa um recurso significativo para a formação e desenvolvimento profissional do professor, entendemos que também se apresenta como uma ferramenta de contribuição para os desafios da docência.

A falta da leitura no dia a dia do aluno acaba sendo prejudicial para o desenvolvimento escolar da criança, uma vez que não se adquire os subsídios necessários para desenvolver a oralidade, a escrita e a interpretação, recursos tão importantes e necessários para o crescimento intelectual. Estimulando a leitura faz com que as crianças compreendam melhor o que estão aprendendo na escola, o incentivo à leitura influenciará, positivamente e favorecerá o desenvolvimento das aptidões adquiridas relacionadas a este estímulo, abrindo assim um espaço para a aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.
- AFONSO, Maria Aparecida Valentim. Formação de professor: contação de histórias e mediação de leitura. **ENLIJE-Encontro de literatura infanto juvenil e ensino**, p. 20-115, 2012.
- BORGES, Simoni Pereira; GOMES, Antônio; DE CARVALHO, Edione Teixeira. **Refletindo sobre os métodos de alfabetização na construção do conhecimento**. v. 9, n. 7, p. e75973787-e75973787, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, MA de. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. **Uninove Internet**, v. 6, 2016.
- COLLINS, R.; COOPER, P. J. **The power of story: teaching through storytelling**. 2. ed. Illinois: Waveland Press, 2005.
- COSTA, Rosa. A importância e o desafio da contação de história no desenvolvimento infantil: O conto e reconto. **Lumen**, v. 22, n. 71, p. 21-26, 2013.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CUNHA, Gabriela Duarte. A importância da contação de histórias e da leitura em voz alta para crianças em fase de alfabetização. In: Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 06. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.
- DANTAS, Eva Lorena Azevedo. A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores. **Revista Caparáó**, v. 1, n. 2, p. e12-e12, 2019.
- DUARTE, Karina; ROSSI, Karla; RODRIGUES, Fabiana. O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, p. 4-8, 2008.
- FERNANDES, Laís Ramos; DE MORAES, Layanne Rodriguês; DERING, Renato de Oliveira. (2021). Contar histórias e formar leitores: a importância da leitura na infância. **Revista Anhanguera**. v. 22, p. 23-34, jan/jun. 2021.
- FERREIRA, Laís Costa; DE OLIVEIRA, Rosemary Lapa. A contação de histórias como prática educativa. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 66-75, maio/ago. 2020.
- LIMA, Patrícia Santos de. **Desenvolvimento do gosto pela leitura através da contação de histórias em uma turma do 1º ano na educação do/no campo**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

LORENZON, Mateus. Alfabetização e letramento em uma perspectiva crítica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Thema**, v. 14, n. 2, p. 78-88, 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORTATTI, Maria do Rosário. História dos métodos de alfabetização no Brasil. *In: SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE*, 2006, Brasília: MEC/SEB, 2006. p. 1-16.

MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins; FERREIRAI, Simônica da Costa; CURADO, Odilon Helou Fleury. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LEITURA E PATRIMÔNIO CULTURAL*, 12., 2013, Passo Fundo: [s.n.], 2013, p. 1-8.

OLIVEIRA, Rachel Cristina Araujo de. **Refletindo sobre alfabetização patrimonial a partir de oficinas de “contação de histórias”**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2010.

PEREIRA, Viviane Carrijo Volnei; SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro Curado. Formação continuada de professores alfabetizadores: uma análise das concepções de formação docente e o Pacto nacional pela alfabetização na idade certa (PNAIC). **Perspectiva**, v. 39, n. 2, p. 1-13, 2021.

PERFEITO, Vânia Márcia Silvério et al. A leitura e a análise linguística no livro didático de alfabetização: das mudanças didáticas e pedagógicas às práticas docentes cotidianas: *In: PERFEITO, Márcia Vânia Silvério. Fazeres-saberes na alfabetização: desafios do ensino da leitura e da escrita em cotidianos escolares*. 1. ed. Campo Grande: Editora Inovar, 2020. p. 20-34.

RANGEL, Franciele de Azevedo; DE SOUZA, Emmily Cristina Firmino; SILVA, Ana Carla de Azevedo. Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: processo sintético e processo analítico. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017.

REGATIERI, Lazara da Piedade Rodrigues. Didatismo e contação de histórias. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2008.

ROSSONI, Janaina Cé; FELICETTI, Vera Lucia. A contação de histórias como ação educativa: reflexões sob o viés da teoria cognitiva da aprendizagem. **Atos de pesquisa em educação**. v. 9, n. 2, p. 517-534, 2014.

SENA, Katielle de Oliveira Felix de. **A contação de histórias nos processos de ensino e de aprendizagem em um terceiro ano do ensino fundamental**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

SERRA, Luís Henrique. A história da alfabetização no Brasil: variações de método de alfabetização na história da educação infantil brasileira. *In: Anais do I Congresso de História-CONHIST*. 2017. p. 8.

SILVA, Maria Eliane da. **A importância da contação de história na alfabetização**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Marcelino Vieira, 2016.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de pesquisa**, n. 52, p. 19-24, 1985.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/IVONETE/Downloads/595-831-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 06/03/2020.

SOUSA, Linete Oliveira de; DALLA BERNARDINO, Andreza. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

WENDT, Regina Kramer. **A importância da contação de estórias na alfabetização**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Sapiranga, 2011.

## ANEXO A- O BAÚ DAS HISTÓRIAS, UM CONTO AFRICANO

Uma vez, ó pequenas crianças ao meu redor, na terra não existia nenhuma história para contar. Todas as histórias pertenciam a Nyame, o Deus do Céu. Ele as aguardava numa caixa de ouro ao lado de seu trono.

Ananse o Homem Aranha, queria comprar as histórias do Deus do céu. Então ele teceu uma teia até o céu.

Quando o Deus do céu ouviu o que a Ananse queria, ele riu: “Ha, ha, há. O preço das minhas histórias é que você me traga Osebo, o Leopardo-de-dentes-terríveis; Mmboro, os marimbondos que-picam-como-fogo; e Mmoatia, a fada-que-nenhum-homem-viu”.

Ananse curvou-se e respondeu: “Eu pagarei o preço com prazer”.

“Ha, ha, há, riu novamente o Deus do Céu. “Como poderá um velhinho tão fraco quanto o senhor, tão pequeno, tão pequeno, tão pequeno, pegar o meu preço?”

Mas Ananse apenas desceu até o chão para procurar as coisas que o Deus do Céu exigia.

Ananse correu por toda a selva - Yiridi, Yiridi, Yiridi, até encontrar Osebo, o Leopardo-de-dentes-terríveis.

“Aha, Ananse”, disse o Leopardo, “você chegou na hora certa para ser o meu almoço”.

Ananse respondeu: “O que tiver que acontecer, acontecerá. Mas primeiro vamos brincar do jogo de amarrar”.

O Leopardo, que gostava muito de jogos perguntou: “Como se joga?”

“Com cipós”, explicou Ananse. “Eu vou amarrar você pelo pé e pelo pé depois, desamarro e você poderá me amarrar”.

“Muito bem” rosou o Leopardo, que planejava comer Ananse assim que fosse a sua vez de amarrá-lo.

Assim, Ananse amarrou o Leopardo, pelo pé, pelo pé, pelo pé, pelo pé, com o cipó. Então ele disse: “Agora, Osebo você está pronto para se encontrar com Deus do céu e Ananse pendurou o leopardo amarrado numa árvore”.

Em seguida Ananse cortou uma folha de bananeira e encheu cabaça com água. Ele atravessou o mato alto, sora, sora, sora, até chegar à casa de Mmboro, os marimbondos-que-picam-como-fogo.

Ananse colocou a folha de bananeira sobre a sua cabeça como um guarda-chuva depois, despejou sobre si um pouco da água da cabaça.

O resto Ananse despejou sobre a casa de marimbondos e gritou: Está chovendo, chovendo, chovendo. Vocês não querem entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas?”.

“Obrigado, obrigado”, zuniram os marimbondos, e voaram para dentro da cabaça – pum! Ananse, rapidamente tapou a boca da cabaça.

“Agora, Mmboro, você está pronto para se encontrar com Deus do Céu”, disse Ananse. E pendurou a cabaça de marimbondo na árvore, ao lado do leopardo.

Depois Ananse esculpiu uma pequena boneca de madeira segurando uma tigela cobriu a boneca da cabeça aos pés com cola de borracha. Então encheu a tigela da boneca com inhame amassado.

Ele colocou a boneca ao pé de um flamboyant, onde as fadas gostam de dançar Ananse amarrou um Cipó em volta da cabeça da boneca e ficou segurando a outra ponta, escondido atrás de um arbusto.

Num instante, Mmoatia, a fada-que-nenhum-homem-viu, veio dançando, dançando, dançando até o pé de flamboyant. E viu a boneca segurando a tigela cheia de inhame.

Mmoatia disse: “beber de borracha estou com fome. Posso comer um pouco de seu inhame”.

Ananse, em seu esconderijo, puxou o cipó para que parecesse que a boneca dizia assim com a cabeça. A fada então pegou a tigela da boneca e comeu todo o inhame

“Obrigada bebê de borracha”, disse a fada. Mas a boneca não respondeu.

“Você não responde quando eu agradeço”? Gritou a fada já irritada. A boneca nem se mexeu.

“Bebê de borracha, vou bater em você se não me responder”, gritou a fada. Mas a boneca continua parada, calada. Então a fada deu-lhe um tapa no rosto – pá! Sua mão ficou preso na bochecha cheia de cola de borracha.

“Largue minha mão ou leva outro tapa”, pá! Ela bateu na bochecha da boneca com a outra mão. Agora, a fada tinha as duas mãos presas na boneca de borracha e ela estava furiosa. Tentou empurrar a boneca com os pés, e eles também ficaram presos.

Naquele momento Ananse saiu do seu esconderijo. “Você está pronta para se encontrar com o Deus do Céu, Mmoatia”. E ele a carregou até a árvore onde o Leopardo e os marimbondos estavam esperando.

Ananse começou a tecer uma grande teia em volta de Osebo, Mmboro e Mmoatia. Depois teceu outra teia até o céu. Foi arrastando os seus tesouros, e colocou-se aos pés do Deus do céu.

Curvando-se, Ananse disse: “Oh, Nyame, aqui está o preço que você pede por suas histórias: Osebo o leopardo-de-dentes-terríveis; Mmboro os marimbondos-que-picam-como-fogo; e Mmoatia, a fada-que-nenhum-homem-viu”.

Nyame, o Deus do Céu, chamou todos os nobres da sua corte e disse em voz alta: “O pequeno Ananse, o homem-aranha, pagou o preço por minhas histórias. Cantem em seu louvor. Eu os ordeno”.

“De hoje em diante e para sempre”, proclamou o Deus do Céu, minhas histórias pertence a Ananse e serão chamadas histórias do homem-aranha”.

“Viiiiva, viiiva, viiiva”, gritaram os nobres reunidos”.

Então Ananse levou o baú de ouro cheio de histórias de volta à Terra, para as pessoas do Vilarejo. E quando ele abriu o baú todas as histórias se espalharam pelo canto do mundo, até chegarem aqui.

Contei minha história. Entrou por uma porta, saiu pela outra. Quem quiser que conte outra.